



## Elementos Sonoros e Imagéticos - A Formação de Sentidos em um Trecho do Documentário “Café com Pão, Manteiga Não...”<sup>1</sup>

Fábio Silva de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Leandro Alves de LIMA<sup>3</sup>

Geórgia Cynara Coelho de Souza SANTANA<sup>4</sup>

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás

### RESUMO

Esperamos neste artigo verificar como o som e as imagens se relacionam na linguagem fílmica para criar o contraponto, gerando sentidos, num trecho específico de 3 minutos e 30 segundos do documentário *Café com pão, manteiga não...* (2007)<sup>5</sup>, dos diretores Viviane Louise e Marcelo Benfica Marinho. Utilizaremos como aporte teórico os conceitos de Marcel Martin (2005) e Michel Chion (2011), no que diz respeito ao efeito de valor acrescentado, bem como o som e sua influência sobre as percepções de movimento, velocidade e tempo no filme, visando entender como os elementos do som (música e ruídos) se articulam e se complementam nas imagens, estruturando o papel dramático e a formação do sentido de denúncia expressa na narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; linguagem; som; imagem; audiovisual.

### 1. Do carro de boi ao trem de ferro.

O carro de boi aparece no ecrã e o som lançado por esse meio de locomoção arcaico preenche todo o espaço visual por ele introduzido. Esse ruído sai através dos sulcos paralelos de suas rodas pesadas e maciças. Ele é forte, grave, intermitente. Ao ouvir o seu som e ver a imagem de sua pesada arquitetura, temos a dimensão do que foi o início do desbravamento ocorrido em Goiás, na época do Brasil-Colônia. Um período histórico difícil do começo da construção da identidade nacional como um todo, principalmente em se tratando de sua integração econômica e cultural. Mas foi a partir dele, do carro de boi, que Goiás surgiu, de dentro para fora, tanto através da produção agrícola quanto da exploração dos minérios, que eram transportados por meio destes veículos tipicamente rurais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Graduando do 2º ano do curso de Comunicação Social – Habilitação: Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: [fvinhal07@gmail.com](mailto:fvinhal07@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando do 2º ano do curso de Comunicação Social – Habilitação: Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: [leandroaletras@gmail.com](mailto:leandroaletras@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Docente do curso de Comunicação Social – Habilitação: Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: [georgia.cynara@ueg.br](mailto:georgia.cynara@ueg.br)

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OBGAGecceT0>

---



Mas era preciso mais. Era necessária uma nova forma de transporte, que pudesse resolver o problema do escoamento da produção industrial e agrícola que estava em franca expansão por todo o Centro-Oeste do país.

É neste momento que damos um salto no tempo, e somos “acordados” pelo chiado nervoso do vapor saindo da chaminé de uma Maria-Fumaça, além do som agudo e estridente de um sino em uma estação ferroviária. A transição estabelecida entre esses meios de transporte, na continuação das imagens fílmicas, nos avisa que os tempos são outros: a modernidade, trazida pelo capitalismo, chegou ao interior do país. Dentre os interesses do ideal de crescimento da nação estava o transporte ferroviário, que é considerado o meio ideal para grandes distâncias e condução de cargas a granel, como grãos e minérios, além de ser até hoje de vital importância para alavancar a competitividade do Brasil no comércio exterior.

É a partir deste viés – pensar sobre a história dos projetos de construção de ferrovias no Brasil à luz da reflexão desenvolvimentista – que o documentário *Café com pão, manteiga não...* (2007)<sup>1</sup>, dos diretores Viviane Louise e Marcelo Benfica Marinho, pretende nos mostrar o quão foi e o quanto ainda é importante tal transporte para a formação do estado, através de seu principal trecho, a Estrada de Ferro Goiás. Isso irá acontecer por meio de depoimentos de pessoas que vivenciaram praticamente todo o seu ciclo de surgimento, apogeu e decadência em um breve período de cinquenta anos.



Imagem 1 – Frame do filme: *Café com pão, manteiga não...* Fonte: DocTV Goiás

<sup>1</sup> O filme recebeu o Prêmio Eduardo Benfica de Melhor Documentário pela Associação Brasileira de Documentaristas, na 5ª ABD Cine Goiás, mostra competitiva realizada durante o 9º Fica - Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental.



Além dessas questões, o documentário também retrata a percepção das comunidades que viveram a época áurea da ferrovia, em cidades como Araguari, Catalão, Pires do Rio, Goiandira e tantas outras, onde era realizado não só o transporte de cargas, mas também o de pessoas. Em muitos depoimentos, podemos ver as implicações que esse gigante de ferro causou não só para o desenvolvimento econômico, mas também para as relações entre as pessoas e a consequente criação das cidades no interior de Goiás.

No decorrer do filme, há relatos de memória dos moradores, mostrando que muitas pessoas constituíram e criaram suas famílias nestas cidades, em grande parte, por conta da ferrovia. Essa relação aconteceu por causa da influência dos imigrantes, que vinham de trem para essas terras, atrás de melhores oportunidades de vida. As relações com os povos que aqui viviam, e que acabaram por se tornar recíprocas, ajudaram nesse intercâmbio de culturas. Nesse sentido, houve a construção da identidade do povo goiano.

Há também as histórias contadas pelos ex-ferroviários, homens aposentados que prestaram anos de serviço como maquinistas e/ou mecânicos. Muitos deles têm uma relação de amor e afeto com a profissão, pois foi através do trabalho na ferrovia que conseguiram sustentar a família, e proporcionar melhores condições às suas gerações posteriores – há filhos que seguem até hoje os caminhos dos pais nesta profissão. Isso mostra o quão importante a malha ferroviária goiana foi para a vida dessas pessoas e a de seus filhos e netos, bem como o trabalho e a integração gerada por ela.

Por outro lado, o documentário levanta denúncias pertinentes: com a privatização da ferrovia, nos anos 90, o transporte de passageiros entrou em extinção. Com isso, várias das estações, aonde as pessoas chegavam e iam, recebiam seus parentes, e eram também espaços de encontros, acabaram sendo abandonados. Muitos desses estão se deteriorando com a ação do tempo. Outros, muito poucos, ainda resistem, e alguns deles se tornaram museus ferroviários e centros culturais, na tentativa de lutar e manter viva na memória das futuras gerações a complexidade e as particularidades do tempo das viagens de passageiros e de carga pelas linhas férreas.

É nesse sentido que este artigo se centra agora, em compreender como se dá a relação dos elementos sonoros (música e ruídos) com os imagéticos, de uma parte específica de três minutos do documentário, e como elas se complementam no papel dramático e na formação do sentido de denúncia expressa na narrativa. Encontraremos subsídio teórico em Marcel Martin (2005) e Michel Chion (2011), e utilizaremos alguns



conceitos para analisar o que diz respeito ao efeito de valor acrescentado, bem como o som e sua influência sobre as percepções de movimento, velocidade e tempo na imagem.

## 2. Considerações teóricas.

Desde o início do cinema o som já tinha sua utilidade, mesmo que não interferisse diretamente na narrativa do filme. Para Adorno e Eisler (*apud* CARRASCO, 2005, p. 37), uma das primeiras funções sonoras relativas à exibição cinematográfica era distrair o público e amenizar a estranheza causada pelas imagens “fantasmagóricas”. Com o passar do tempo, juntamente com o avanço tecnológico, a relação som/imagem foi se modificando e cada vez mais os elementos sonoros (músicas e ruídos) foram se incorporando na narrativa fílmica e ganhando sua importância. Hoje, sabe-se que a composição sonora é parte essencial e pode fazer toda a diferença numa obra cinematográfica.

Segundo Michel Chion (2011), o som enquanto elemento fílmico pode assumir diversas funções, dependendo da relação com a imagem. Um dos termos utilizados pelo autor, como base importante dessa relação, é a noção do efeito de valor acrescentado, que pode ser dado sonoramente pela palavra (vococentrismo), pela música e/ou pelo ruído, sendo que a fala tem maior destaque em relação aos demais elementos sonoros. O autor conceitua da seguinte forma:

Por valor acrescentado, designamos o valor expressivo e informativo com que um som enriquece uma determinada imagem, até dar a crer, na impressão imediata que dela se tem ou na recordação que dela se guarda, que essa informação ou essa expressão decorre, naturalmente, daquilo que vemos e que já está contida apenas na imagem. E até dar a impressão, eminentemente injusta, de que o som é inútil e de reforçar um sentido que, na verdade, ele dá e cria, seja por inteiro, seja pela sua própria diferença com aquilo que se vê. (CHION, 2011, p. 12)

Geralmente esse fenômeno funciona no campo da sincronia som/imagem, e estabelecem uma rápida e imprescindível relação entre o audível e o visível. Dessa forma, o som do filme se impõe e potencializa o que na tela é mostrado através das imagens.

Ainda de acordo com Chion (2011), a percepção sonora e visual tem muito mais diferença do que se espera quando confrontadas entre si. Estas percepções se moldam



reciprocamente, dentro da convenção audiovisual, e conferem uma à outra as suas referentes características. O som, por sua vez, implica naturalmente em contraposição da imagem, o movimento e, por natureza, um deslocamento, ainda que ínfimo. A temporalidade sonora possui uma dimensão específica dentro dessa dinâmica, e ela é percebida diferentemente da imagem, embora cada qual tenha sua própria extensão temporal e de velocidade específica.

Chion ainda informa que:

De uma forma sucinta o ouvido analisa, trabalha e sintetiza mais rápido do que o olho. Para os ouvintes, o som é o veículo da linguagem, e uma frase falada faz o ouvido trabalhar mais depressa. Se o olho é mais lento, é porque tem mais trabalho a fazer: funciona no espaço e no tempo. O ouvido isola uma linha, um ponto do seu campo de audição, e segue esse ponto a essa linha do tempo. O olho é mais ágil espacialmente e o ouvido é mais ágil temporalmente. (2011, p. 15)

Desse modo, ele afirma que o valor acrescentado pelo som nesse aspecto funciona a partir de um fenômeno pontual em que é mais rápido do que a imagem.

Para Chion, a percepção do tempo sonoro é um dos mais importantes efeitos do valor acrescentado. “Imagens fixas e desprovidas de qualquer temporalidade se inscrevem num tempo real através de sons.” A animação temporal da imagem; a linearização temporal dos planos; e a vetorização, que dá a direção do início e fim na dramatização dos planos, criação de um sentimento de proximidade e expectativa. Em resumo: “O plano segue um trajeto e é orientado no tempo”.

Podemos, após essas considerações ponderadas por Michel Chion sobre a relação som/imagem, concluir que a possibilidade de organização entre elementos de imagem e som, e a forma de utilização, são muitas e variadas. A percepção dos efeitos, frutos dessa junção, é complexa e vai depender da natureza das imagens e dos sons postos na relação.

### **3. Análise.**

Escolhemos essa parte do documentário *Café com Pão, Manteiga Não...* (2007) como objeto de análise pela riqueza sonora que ela contém. São três minutos e trinta



segundos de intensidade sonora. A produção musical e a música original estão creditadas à Dênio de Paula e Emanuel Mastrella.

Nossa análise começa aos trinta e um minutos e três segundos e vai até trinta e quatro minutos e trinta e três segundos. Na tela, um plano geral estático de uma ponte férrea suspensa, onde há um deslocamento do objeto filmado, o trem, da esquerda para a direita. Inicialmente, o som do trem bem ao fundo, quase que imperceptível, vai perdendo espaço para a trilha, que vai num movimento crescente e, aos poucos, ganha mais elementos sonoros.

Após o longo apito do trem a música, rica em sons contínuos de violino com alturas e timbres variados, passa de vez a assumir o primeiro plano enchendo-se gradativamente de sonoridades fortes. Antes que a imagem mude de plano é possível ouvir ruídos metálicos reverberantes ganharem a cena, prevendo mudanças no plano da imagem. Tilintares agudos e fracos cobre a música de forma breve somente para realizarem a transição de uma imagem a outra.

Podemos verificar que a música começa a acrescentar valor significativamente emotivo à imagem, através do efeito empático. Chion define da seguinte forma:

Numa das formas, a música exprime diretamente a sua participação na emoção da cena, dando o ritmo, o tom e o fraseado adaptados, isto evidentemente em função dos códigos culturais da tristeza, alegria, emoção e do movimento. Podemos falar então de música empática. (CHION, 2011, p. 14)

A imagem seguinte, que passeia em movimentos lentos, mostra a degradação da linha por onde o trem supostamente passaria, ou já passou um dia. Neste ponto, o plano musical ganha certa estabilidade na sua composição e segue durante boa parte do tempo assim, acrescentando-lhe apenas elementos conforme a intenção dramática.

Esses ruídos acrescentados reforçam as imagens num sentido metafórico: como o som de um trem passando pela linha, enquanto a imagem mostra a degradação da ponte por vários ângulos diferentes; os sons de parafusos em movimento, contrapondo a imagem que mostra, em planos estáticos ou com pouco movimento de câmera, ferros enferrujados e um amontoado de parafusos. Esse mesmo som de parafusos em movimentos é também exposto numa sequência imagética de cortes rápidos quando se mostra o sucateamento de algumas estações ferroviárias, geralmente com planos detalhes nas janelas deterioradas com os vidros quebrados. O propósito das metáforas é



determinado pelos princípios psicológicos e esse recurso dá o tempo da cena, além de potencializar a imagem, corroborando o sentido da intenção imagética.

Entendemos como efeito metafórico do som sobre a imagem conforme conceituou Marcel Martin:

A metáfora consiste em comparar (no interior de uma mesma imagem ou no confronto de duas imagens) um conteúdo visual e um elemento sonoro, destinando-se ao som a sublinhar a significação da imagem pelo valor figurado e simbólico. O som entra em contraponto mais ou menos direto com a imagem. (MARTIN, 2005, p. 117)

A regularidade da música só é quebrada na cena em que aparece uma menina empurrando uma bicicleta numa estação abandonada. A característica sonora predominante na música nesse momento é a reverberação dos fenômenos sonoros e a tendência sonora é a ressonância decrescente da trilha. Dos poucos elementos sonoros restantes neste momento, o que fica é somente um som sintético mais grave e oscilante, que perdura até que a música acabe.

Neste ponto a imagem, com movimentos leves, toma conta dos sentidos, passando a ser primeiro plano fílmico e tendo como base sonora um acompanhamento de corda com a trilha bem baixa ao fundo. A variação musical é bem menor, porém reforça a todo o momento o sentido da imagem. A música nesse trecho só volta a ser um pouco mais evidente no momento no final da sequência, quando aparecem vagões abandonados no estado de sucata. Então, no momento ela tem uma breve aparição no primeiro plano sonoro, forte e reverberante, dos elementos que a compõem e se finda.

#### **4. Considerações Finais**

Nessa fração fílmica do documentário que foi analisado podemos verificar que o som contribuiu na relação com a imagem de forma realista, onde ela amplificou o grau de autenticidade da imagem, também na parte estética, dando-lhe mais credibilidade. Assim, conferimos à natureza do som a continuidade da narrativa em questão, com base em Marcel Martin (2005).

Enquanto a imagem do filme é uma sequência de fragmentos, a trilha sonora restabelece de certo modo a continuidade, tanto ao



nível simples da percepção quanto ao da sensação estética; a trilha sonora é efetivamente bem menos fragmentada que a imagem. O papel da música é primordial como fator de continuidade sonora ao mesmo tempo material e dramática. (MARTIN, 2005, p.114)

Os ruídos cobriram a trilha em diversos momentos e foram de grande utilidade, tanto na concepção elíptica quanto metafórica. Foram ruídos exclusivamente de natureza humana, causados por máquinas nas passagens de planos imagéticos ou para reforçar ou na união entre som/imagem, buscando a expressividade pela formação dos sentidos. Podemos citar a alusão sonora do movimento de um trem de ferro percorrendo os trilhos deteriorados pelo abandono e não utilização um exemplo claro desse mecanismo fornecido pelo som.

Nessa relação explicitada no vídeo em questão, os fenômenos sonoros agem de forma a agregar um valor mais amplo e profundo, pois aspira impelir a imagem para além do seu significado expressivo. Para Martin (2005, p. 120), “A música age apenas sobre os sentidos, como fator de intensificação e aprofundamento da sensibilidade”.

A imagem, no decorrer da sequência vista no filme, se deu como uma percepção objetiva dos acontecimentos históricos, enquanto a música manifestou a crítica subjetiva dessa objetividade. De certo modo tornou clara e lógica a intenção da história narrada, procurando causar uma impressão geral sem parafrasear o que se passava no campo da imagem.

As condições gerais anunciadas na relação entre som e imagem, aqui analisada, foram favoráveis e recíprocas no aspecto temporal e de movimento dos elementos postos para a complementação do sentido uno do documentário. Uma crítica, no campo do audiovisual, pode ir além do dito pela palavra falada ou do explicitado na tela. As probabilidades de manipulação desses fenômenos são grandes e a cada uma delas podemos atribuir uma gama extensa possível na formação de sentidos.

## 5. REFERÊNCIAS

CARRASCO, Ney. **A infância muda: A música nos primórdios do cinema.** Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/24/0>>. Acesso em 10 out. 2013.





CHION, Michel. **A Audiovisão: Som e Imagem no Cinema**. Lisboa, 2011. Edições Texto & Grafia.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Lisboa, 2005. Dinalivro.

**Ficha Técnica**

*Café com Pão, Manteiga Não* (2007, 52 minutos)

Direção: Viviane Louise / Marcelo Benfica

Co-produção: Viviane Louise / Makro Vídeo / TV Brasil Central / Fundação Padre Anchieta - TV Cultura

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=0BGAGecceT0>. Acesso dia 10 out. 2013